

TENDÊNCIAS RECENTES DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL NA ALEMANHA E NO BRASIL

Hardarik Blühdorn

Maria Lúcia da C. Victório de Oliveira Andrade

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de elaborar um balanço da situação atual da lingüística textual no Brasil, em comparação com a na Europa, especificamente na Alemanha. Observam-se quatro linhas de desenvolvimento dessa subdisciplina da lingüística: da teoria para a aplicação, do texto abstrato para o texto concreto, do micro-texto para o macro-texto e das forças centrípetas para as forças centrífugas. Na Alemanha, houve maior interesse por questões teóricas nos anos 1960 a 1980. Nos anos 1990, a lingüística textual começou a se interessar cada vez mais por questões de aplicação. As pesquisas mais recentes giram em torno da descrição dos gêneros textuais. A produção brasileira dos anos 1980 concentrava-se nas questões da coesão e da coerência e nas estratégias sociocognitivas do processamento textual. Mais recentemente destacam-se os estudos do texto falado e sua aplicação no ensino de português como língua materna e/ou língua estrangeira, bem como estudos da linguagem da mídia e das novas tecnologias.

Palavras-chave: lingüística textual, gramática textual, semântica textual, pragmática textual, gêneros textuais, tipologia textual, texto falado, texto escrito, grupos de pesquisa.

1. LINGÜÍSTICA TEXTUAL: SUBDIVISÕES E TENDÊNCIAS HISTÓRICAS

Entre as subdisciplinas da lingüística, cuja maioria vem sendo determinada por orientações norte-americanas, a lingüística textual representa uma tradição predominantemente europeia (cf. HARWEG, 2001, p. 19s.). Ela

* Pesquisador do *Institut für Deutsche Sprache*, Mannheim (Alemanha). Agradecemos à FAPESP o auxílio para pesquisador visitante, que possibilitou a permanência na USP de 10 de abril a 15 de maio de 2004 (Proc. nº. 2003/12848-2).

** Universidade de São Paulo.

surgiu em meados dos anos 1960 do século XX e, desde então, tem crescido muito na Europa, em particular na Alemanha. Dos anos 1980 para cá, houve uma considerável recepção da bibliografia e do pensamento ligados a essa subdisciplina em vários países do mundo, entre eles no Brasil (cf., entre outros, KOCH, 1989; KOCH & TRAVAGLIA, 1989, 1993; FÁVERO & KOCH, 1983; FÁVERO, 1995; KOCH, 1997).

1.1 Lingüística textual teórica e aplicada

A lingüística textual está longe de ser uma disciplina única e homogênea (cf. ADAMZIK, 2004, p. 1-30). Como ponto de partida, podemos distinguir entre lingüística textual teórica e aplicada. A principal questão tratada pela lingüística textual teórica refere-se ao estatuto sistemático do texto entre os objetos produzidos e interpretados por seres humanos, enquanto as questões tratadas pela lingüística textual aplicada se referem à interação empírica de indivíduos e grupos de seres humanos com textos individuais e conjuntos de textos na realidade do dia-a-dia.

1.2 Gramática, semântica e pragmática do texto

Tanto as questões teóricas quanto as aplicadas podem ser abordadas em pelo menos três níveis de complexidade, comumente chamados de gramatical, semântico e pragmático. A gramática do texto era o ponto de partida dos pioneiros da lingüística textual, como Roland Harweg (1968=1979), que saíram em busca de estruturas “transfrásticas”, tais como cadeias de correferências e ligações entre frases mediante conjunções. A observação-chave que motivou esses estudos é a de que existem fenômenos gramaticais, principalmente nos âmbitos da prosódia, da seleção de pro-formas e da serialização dos constituintes sintáticos, que não têm explicação suficiente no nível da oração (cf. HARWEG, 2001, p. 19s.). Peter Hartmann (1971, p. 10) e Harald Weinrich (1993, p. 17) levantaram

o postulado teórico de que o texto – e não a oração – seria a unidade básica da estrutura da língua.

Autores como Halliday & Hasan (1976) abordaram o texto não apenas como um objeto formal estruturalmente mais complexo do que a oração, mas como unidade semântico-conceitual. Afirmam os autores (ib.: 4): “The concept of cohesion is a semantic one; it refers to relations of meaning that exist within the text, and that define it as a text”¹. Esse é o ponto de partida teórico da semântica do texto (termo introduzido por Harald Weinrich em 1966; cf. ADAMZIK, 2004, p. 2). Além dos recursos coesivos clássicos, tais como os meios referenciais e os conectores, a semântica do texto também se interessa pela coesão lexical (campos lexicais, colocações etc.; cf. HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 274-292) e pelas assim chamadas isotopias do discurso (cf. GREIMAS, 1983, p. 78s.).

De Beaugrande & Dressler (1981) podem ser citados como representantes de uma abordagem pragmática dentro da lingüística textual. No modelo desses autores, conceitos como intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e até mesmo intertextualidade figuram como critérios da textualidade, isto é, como propriedades definidoras do texto, que o distinguem de uma cadeia qualquer de palavras. Todos esses princípios recorrem, de uma maneira ou outra, à situação em que o texto exerce suas funções comunicativas e interacionais, complementando os princípios da coesão formal e da coerência semântica (cf. também FRITZ, 1982; SCHERNER, 1984).

1.3 Percurso histórico

O percurso histórico da lingüística textual iniciou-se, nos anos 1960, com a gramática do texto e estendeu-se, nos anos 1970 e 1980, para a semântica e a pragmática do texto (cf. HEINEMANN &

¹ O conceito de coesão é de natureza semântica; ele se refere às relações de sentido existentes no interior do texto, que o definem como texto.

VIEHWEGER, 1991, p. 19-83). Os manuais mais recentes da disciplina (p.ex., BRINKER *et al.*, 2000/2001; HEINEMANN & HEINEMANN, 2002, p. 64s.; GANSEL & JÜRGENS, 2002, p. 33ss.) reconhecem a legitimidade das três abordagens e buscam sua integração em modelos globais.

A lingüística textual destaca-se entre as outras subdisciplinas da lingüística por sua aplicabilidade em numerosos campos, tais como a produção de textos (p.ex., HAYES & FLOWER, 1980; ANTOS & KRINGS, 1989; KRINGS & ANTOS, 1992; RAU, 1994; WROBEL, 1995; MOLITOR-LÜBBERT, 1996), a recepção e compreensão de textos (p.ex., VAN DIJK & KINTSCH, 1983; STROHNER, 1990), a otimização de textos (p.ex., ANTOS & AUGST, 1992; STROHNER & BROSE, 2002), a didática do texto (na língua materna bem como na estrangeira; p.ex., BÖRNER & VOGEL, 1996; BLÜHDORN, 1998b; CASTILHO 1998; BARROS, 1999b; FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 1999; SOMMERFELDT & SCHREIBER, 2001) e a análise da língua em uso na mídia e na comunicação de massa (p.ex., AARSETH, 1997; BERKENBUSCH, 2002; BITTNER, 2003; PAULIUKONIS & GAVAZZI 2003).

Desde os anos 1990, o rumo geral da disciplina tem-se voltado cada vez mais para esses diversos campos de aplicação. Os trabalhos mais recentes tendem a considerar tanto fatores gramaticais quanto semânticos e pragmáticos, por vezes misturando-os, uns com os outros. Dependendo do enfoque empírico e das intenções práticas de cada estudo, destacam-se ora as características formais dos dados, ora as conceituais-cognitivas, ora as comunicativas e interacionais. As distinções mais rígidas entre os três níveis de complexidade, encontradas nos estudos do final dos anos 1980 (cf., entre outros, os trabalhos do grupo em torno de Gert Rickheit e Hans Strohner, na Universidade de Bielefeld: STROHNER, 1990; STROHNER & RICKHEIT, 1990; RICKHEIT, 1991; RICKHEIT & STROHNER, 1992; RICKHEIT & HABEL, 1995; STROHNER, 1995), não são mais típicas da lingüística textual da atualidade. Os interesses de aplicação privilegiam o ecleticismo.

O objeto de pesquisa da lingüística textual teórica é o texto abstrato, idealizado. Os autores da época de HARWEG (1968=1979) e de HALLIDAY & HASAN (1976) costumavam basear suas pesquisas em textos canônicos, prototípicos, escritos, muitas vezes literários, relativamente curtos e de uma só língua. Não era raro o uso de exemplos criados para os fins da própria pesquisa. O objetivo da lingüística textual teórica é a descrição e explicação dos princípios universais, bem como das regras específicas subjacentes à constituição do texto como tal. Os conceitos-chave dessa vertente são os de coesão e coerência (cf. De BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981; FRITZ, 1982; FÁVERO & KOCH, 1983; FÁVERO, 1991; KOCH, 1989; KOCH & TRAVAGLIA, 1989, 1993; BLÜHDORN, 1998a). Desde o início dos anos 1990, no entanto, esses mesmos conceitos motivaram uma reorientação das pesquisas para o texto concreto (cf. RICKHEIT, 1991). Técnicas avançadas de gravação e de transcrição contribuíram para tornar textos orais acessíveis para a análise lingüística (cf. DITTMAR, 2002). Grandes *corpora* informatizados disponibilizaram dados em quantidades antes impensáveis (cf. BIBER *et al.*, 1998). A criação de novos meios de comunicação, antes de mais nada da internet, levou ao surgimento de novos gêneros textuais (cf. BITTNER, 2003). Desde então, a lingüística textual tem se ocupado muito mais com textos autênticos, cotidianos, não-idealizados, inclusive incompletos e defeituosos (cf. RAU, 1994; WROBEL, 1995). A realidade multicultural em muitos países do mundo globalizante tem chamado a atenção para aspectos comparativos, principalmente para a comparação de gêneros (p.ex., PÖCKL, 1997; ECKKRAMMER & EDER, 2000; FIX *et al.* 2001; ADAMZIK, 2001; BERKENBUSCH, 2002; DRESCHER, 2002) e para textos multilinguais (p.ex., KEIM & ANDROUTSOPOULOS, 2000).

O texto canônico e prototípico pode ser caracterizado também como micro-texto. Ele é produto de um determinado autor, produzido em um determinado momento e com uma determinada intenção, versa sobre um determinado tema, pertence a um determinado gênero textual, é linear, possui um começo e um fim bem

definidos e é composto exclusivamente de componentes lingüísticos (frases e palavras) (cf. LINKE & NUSSBAUMER, 1997). A partir dos anos 1990, a lingüística textual tem-se ocupado cada vez mais de textos não-canônicos, que não possuem algumas (ou várias) dessas características: textos polifônicos, produzidos por mais de um autor, em momentos distintos e com intenções diversas (cibertexto; cf. AARSETH, 1997), textos politemáticos e poligenéricos (cf. ANTOS & TIETZ, 1997), não-lineares e não-delimitados (hipertexto; cf. KUHLEN, 1991) e textos multimídiais (p.ex., FIX & WELLMANN, 2000; MÜLLER-HAGEDORN, 2002).

O texto canônico foi caracterizado pela lingüística textual clássica como um objeto constituído por forças centrípetas. HALLIDAY & HASAN (1976, p. 2) explicaram a textualidade (a qualidade de ser um texto) a partir da textura, isto é, a partir da rede coesa de ligações entre os elementos do discurso. Os autores mencionaram cinco sistemas de recursos lingüísticos que contribuem para essa rede: os sistemas da referência, da substituição, da elipse, da conjunção e da coesão lexical (*ib.*: 4). DE BEAUGRANDE & DRESSLER (1981, 3s.) modificaram o conceito de coesão e acrescentaram o conceito complementar de coerência, definido por Koch & Travaglia (1993, p. 21) como aquilo “que faz com que o texto faça sentido para os usuários”. Para De Beaugrande & Dressler, a coesão abrange a conexidade puramente formal do texto, que se materializa na ocorrência de determinados recursos gramático-lexicais. A coerência, por sua vez, engloba a conexidade semântico-conceitual. Os autores levantam, no todo, sete critérios da textualidade, que devem ser satisfeitos por um conjunto de signos para que ele possa ser considerado um texto legítimo. Justamente esse conceito do texto legítimo vem sendo questionado cada vez mais pela lingüística textual da atualidade (cf. FIX *et al.*, 2002). Nos textos não-canônicos, que despertam o interesse de um número crescente de pesquisadores, destacam-se as forças centrífugas, isto é, a totalidade de fatores que enfraquecem a conexidade e delimitação do texto individual. O conceito-chave passa a ser o de intertextualidade (cf. KRISTEVA, 1967; LINKE & NUSSBAUMER, 1997; KLEIN & FIX, 1997), segundo o

qual todo texto pressupõe a existência prévia de outros textos, que se relacionam entre si na forma de redes e relativizam a coerência e delimitação internas de cada texto individual (cf. HOLTHUIS, 1993; Hassler, 1997). Outro conceito relevante é o de polifonia (cf. BAKHTIN, 1929=1997; KOCH, 1997, p. 50s.), que enfatiza a presença simultânea de várias vozes dentro de qualquer texto. Os conceitos de intertextualidade e de polifonia não são independentes um do outro (cf. KOCH, 1991; BARROS, 1999a). Para Koch (1997, p. 56s. e 2004, p. 154.), a intertextualidade é um caso particular de polifonia, enquanto, para Blühdorn (2000), a relação se constrói de maneira inversa, sendo a polifonia um caso particular da intertextualidade.

Sintetizando, o percurso histórico da lingüística textual pode ser caracterizado por quatro linhas de evolução:

- (i) da teoria para a aplicação;
- (ii) do texto abstrato para o texto concreto;
- (iii) do micro-texto para o macro-texto;
- (iv) das forças centrípetas para as forças centrífugas.

Nos últimos dez anos, essas quatro tendências têm mudado consideravelmente a perspectiva da lingüística textual sobre seu objeto de pesquisa. A lingüística do texto entrou numa fase de auto-reflexão e de redefinição. Antos & Tietz (1997) discutem o “futuro da lingüística textual”. Fix e Adamzik perguntam: “É preciso redefinir a noção de texto?” (FIX *et al.*, 2002). Para os anos vindouros, antecipa-se uma discussão intensa e frutífera dessas questões.

Nos itens a seguir, compararemos a situação atual da lingüística textual na Alemanha com a situação no Brasil, com o intuito de descobrir em que medida ainda se pode afirmar que o discurso alemão e europeu exerce uma influência considerável sobre o discurso no Brasil ou em que medida o discurso brasileiro tem tomado outros rumos, independentes do discurso europeu.

2. A SITUAÇÃO ATUAL DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL NA ALEMANHA

Na Alemanha, a lingüística se encontra hoje em uma situação contraditória. Por um lado, quem não dispõe de competências lingüísticas na cultura européia tem grandes dificuldades em realizar seus planos de vida. O domínio da língua materna e de línguas estrangeiras torna-se cada vez mais importante no dia-a-dia das pessoas em todas as classes sociais. As competências lingüísticas necessitadas englobam todos os níveis da estrutura da língua, desde a fonética, fonologia e morfologia até a sintaxe e o texto, incluindo aspectos formais, semânticos e pragmáticos. Para garantir que essa necessidade seja cumprida pelas instituições de ensino, a lingüística (e não só a literatura) é um componente fundamental da formação de todo e qualquer professor de línguas.

Por outro lado, as preocupações teóricas dos lingüistas mais respeitados dos anos 1970 a 1990, muitas vezes afastadas da realidade cotidiana e até mesmo elitistas, têm criado na sociedade um clima hostil aos conteúdos clássicos da disciplina. Os discursos públicos refletidos pela mídia mostram que atualmente a lingüística é pouco respeitada como parte da cultura, não apenas entre leigos, mas também entre estudantes e até mesmo entre docentes de ciências humanas. Ela não gera lucro financeiro como as engenharias e as ciências biológicas e exatas, e, muitas vezes, também não traz o prazer que outras ciências humanas e as artes trazem. Entre os estudantes, a lingüística é hoje uma das disciplinas menos populares. Via de regra, eles buscam adquirir apenas o número mínimo de créditos exigido para a obtenção do grau e, dentro das matérias oferecidas, tendem a privilegiar aquelas que lhes parecem menos técnicas, menos "lingüísticas" *stricto sensu*. Como a maioria das universidades amenizou cada vez mais as exigências formais nesta área, não é raro hoje em dia o estudante de letras que, na hora de concluir seu curso, não sabe a diferença entre oclusiva e fricativa, entre preposição, conjunção e advérbio, entre substantivo e sujeito, ainda mais porque tal conhecimento não é mais considerado critério de aprovação por grande parte dos docentes.

Nessa situação, é interessante observar que a lingüística textual é uma das subdisciplinas que menos perderam a confiança e o interesse dos estudantes, da mídia e da sociedade como um todo, justamente por ser considerada uma subdisciplina menos "lingüística". Por ter mais afinidade com a literatura, com a teoria da comunicação e da mídia, com a semiótica e com as artes, a lingüística textual está bem mais popular do que as áreas clássicas fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Sem dúvida, o que contribuiu para isso foi sua própria evolução, que se afastou dos discursos teóricos dos anos 1970 e 1980 e desenvolveu um perfil empírico e aplicado.

A função cultural geralmente atribuída à lingüística textual na presente situação na Alemanha é a de um intérprete da "sociedade de mídia" (em alemão: *Mediengesellschaft*) que providencia ferramentas e recursos conceituais para analisar os sistemas de texto (intertexto, hipertexto, cibertexto) cada vez mais complexos, característicos da comunicação e interação sociais. Muito mais do que as subdisciplinas clássicas, a lingüística textual é considerada capaz de reduzir a incompreensibilidade da cultura pós-moderna e de providenciar recursos educativos para possibilitar a participação cultural da geração dos jovens. Por isso, ela está ainda numa situação relativamente estável em relação à disponibilidade de recursos financeiros e humanos, enquanto a lingüística como um todo enfrenta cada vez mais dificuldades de justificar sua existência.

2.1 Pesquisa em gêneros textuais

Um dos campos mais produtivos dentro da lingüística textual desde a virada do milênio tem sido a área dos gêneros textuais, isto é, uma área predominantemente descritiva, de cunho mais cultural do que lingüístico propriamente dito, pouco ligada à gramática e semântica do texto.

No prefácio de uma recente coletânea de artigos (2000, p. 7), Adamzik menciona três congressos dos anos 1970, 1980 e 1990,

cujas atas são consideradas publicações de referência da área (GÜLICH & RAIBLE, 1972; KALLMEYER, 1986 e MACKELDEY, 1991). Os trabalhos da própria coletânea organizada por Adamzik (2000) são oriundos de um quarto congresso nessa seqüência. Nos anos 1970, houve uma fase em que muitos autores se empenharam com otimismo em pesquisas sobre os gêneros, naquela época via de regra com objetivos teóricos. Nos anos 1980 e 1990, outros assuntos se tornaram dominantes dentro da lingüística textual (cf. ADAMZIK, 1995, p. 21), antes de mais nada, as questões da coesão e coerência. Principalmente Adamzik contribuiu muito com suas publicações desde os meados dos anos 1990 para que os gêneros ganhassem novamente o interesse dos pesquisadores. Em 1998, ela criou um grupo de estudos sobre gêneros textuais e discursivos com sede na Universidade de Genebra, que organiza congressos periódicos e atraiu bastante interesse pela série de monografias intitulada *Textsorten* (gêneros textuais), organizada por Kirsten Adamzik, Gerd Antos e Wolfgang Heinemann, junto à editora Stauffenburg-Verlag em Tübingen. Desde 2000, foram publicadas sete monografias nesse âmbito.

Segundo Heinemann (2000, p. 9), os gêneros textuais são, antes de mais nada, categorias informais populares (cf. também KRON, 2002, 10ff.). É parte do conhecimento cotidiano saber que textos reais tendem a seguir padrões convencionalizados (cf. ADAMZIK, 1995, p. 18). Segundo Adamzik, esses padrões referem-se a quatro grupos de propriedades (cf. *ib.*: 15f.):

- (i) à área da interação social em que o texto ocorre;
- (ii) à sua função pragmática;
- (iii) ao seu tema;
- (iv) à sua forma lingüística;

Adamzik (1995, p. 14s.) distingue entre dois empregos do termo *Textsorte* (em português, geralmente, *gênero textual*, mas cf. a discussão a seguir): um mais cotidiano e outro mais técnico. No uso cotidiano, uma *Textsorte* é qualquer grupo de textos, caracterizado

por uma propriedade partilhada. Nesse sentido, é possível definir *Textsorten ad hoc*, tais como *panfleto de propaganda de venda de imóveis em cruzamento de ruas*.

No sentido técnico, uma *Textsorte* é uma categoria de textos que possui relevância para a prática de uma língua, para sua descrição científica e/ou para a teoria da linguagem. A relevância para a prática de uma língua manifesta-se, por exemplo, na existência de uma palavra nessa língua que denote a *Textsorte* em questão, e também na unanimidade de uma parcela significativa dos falantes nativos dessa língua de que a *Textsorte* em questão é uma categoria real e deve ser estudada nas instituições de ensino. A relevância para a descrição científica da língua pode se dar como consequência da relevância para sua prática, mas pode também surgir como consequência de um modelo de análise que busca sistematizar os dados da língua conforme critérios homogêneos. A relevância para a teoria da linguagem pode se manifestar no contexto de uma abordagem que busca cartografar o universo de textos segundo critérios universalistas, independentes da língua individual.

Textsorten no sentido técnico são definidas por feixes de propriedades, que podem ser universais ou convencionalizadas no âmbito de uma determinada comunidade de falantes-ouvintes. Analogicamente, podemos distinguir entre *Textsorten* universais, tais como monólogo vs. diálogo, texto escrito vs. texto oral, narrativa vs. argumentação, tradução vs. texto original etc., e *Textsorten* particulares de cada língua e/ou cultura, tais como narração de futebol, jornal de notícias, diário oficial ou oráculo dos búzios, no caso da cultura brasileira. As *Textsorten* particulares podem ser organizadas em categorias mais abrangentes, tais como texto jornalístico, texto literário, texto técnico-científico etc., que podem ser particulares de uma língua específica, mas que se aproximam também das *Textsorten* universais.

2.2 Sistemas de categorização

Na bibliografia da área observa-se bastante variação dos procedimentos e objetivos da categorização de textos e das categorias efetivamente obtidas, o que se reflete, inclusive, na terminologia. Alguns autores falam em tipos de texto, outros em classes de texto, ainda outros em gêneros textuais (em alemão, literalmente: *Texttypen*, *Textklassen*, *Textgattungen* etc.). Houve também várias propostas de organizar esses conceitos e termos como níveis hierárquicos de um só sistema de categorização.

Krohn (2002, p. 65) apresenta uma sinopse de quatro sistemas de categorização: sorteamento (em alemão: *Sortierung*), classificação (*Klassifikation*), taxionomia (*Gattungslehre*) e tipologia/morfologia (*Typologie/Formenlehre*):

Categorização	Pré-científica	Científica			
		Pré-Teórica	Teórica		
Categorias	sortes	classes	Histórica-Natural	Geral-Abstrata	
			gêneros		tipos
			espécies		formas
					Geral- Aplicada
Sistema de Categorização	sorteamento	classificação	taxionomia	tipologia morfologia	

A principal diferença entre esses sistemas está nos níveis de formalização e abstração (*ib.*: 62s.). O sorteamento é pré-científico no sentido de fundamentar-se em critérios intuitivos, inconscientemente escolhidos e não-explicitados. É um sistema cotidiano de categorização e resulta em categorias mais ou menos *ad hoc*, que servem para finalidades específicas em situações específicas. É nesse nível que se obtêm as categorias chamadas de *Textsorten* em alemão, o que traduziremos doravante pelo termo *sortes de texto*, pouco corriqueiro na bibliografia brasileira. De fato, é o que boa parte dos autores chama informalmente de gêneros, sem distinguir entre os níveis de abstração.

Ao contrário do sorteamento, uma categorização científica baseia-se em critérios conscientemente escolhidos e explicitados. Nesse nível, a categorização mais simples é a classificação. Ela é pré-teórica no sentido de fundamentar-se em critérios que não decorrem de uma teoria e que não estão necessariamente em relações sistemáticas entre si. Os critérios servem apenas para o objetivo prático de organizar um conjunto de objetos empíricos. A classificação de textos resulta em classes de texto (em alemão: *Textklassen*). Nesse modelo, portanto, uma classe de texto não é simplesmente uma categoria que engloba várias sortes de texto. A classe corresponde a um nível de abstração mais alto do que a sorte, a um nível mais formalizado, mesmo sem estar ligado a uma teoria.

Uma categorização teórica baseia-se em critérios decorrentes de uma teoria que se relacionam entre si de uma maneira sistemática. Ela não engloba apenas os objetos empíricos de um determinado âmbito, mas também todos os objetos possíveis nesse âmbito. No nível da categorização teórica, a variante mais simples é a taxionomia. Trata-se de uma categorização histórica-natural, que dá conta de categorias surgidas no decorrer da história e passíveis de mudanças. São desse nível, por exemplo, as taxionomias zoológica e botânica criadas por Linnaeus. A taxionomia de textos resulta em gêneros propriamente ditos (em alemão: *Textgattungen*) e em espécies de texto (em alemão: *Textarten*) como subdivisões dos gêneros. Gêneros, nesse sentido, são os gêneros poéticos da teoria literária (texto lírico, texto épico, texto dramático, entre outros), e espécies são o soneto, a ode, a epopéia, o romance, a tragédia, a comédia, e assim por diante.

O quarto nível de categorização, finalmente, é a tipologia, acompanhada por uma morfologia correspondente, que juntos constituem uma categorização geral. Seus critérios abstratos decorrem de uma teoria sistemática, a-histórica, universal, e manifestam-se em formas concretas. A tipologia de textos engloba todos os textos existentes, possíveis e pensáveis dentro do mundo conhecido, organiza-os em uma hierarquia de tipos universais (em alemão: *Texttypen*) e atribui a cada tipo um conjunto de possíveis realizações

formais (morfológicas) (em alemão: *Textformen*), dependendo do sistema de recursos disponibilizados pelas línguas. Uma tipologia textual bastante conhecida é a distinção retórica entre textos descritivos, narrativos, expositivos, argumentativos e instrutivos (cf. WERLICH, 1979; cf. também a elaboração desse modelo por KRON, 2002).

2.3 Sorteamento vs. tipologia de textos

Para explicar melhor a diferença entre os sistemas de categorização, Adamzik (1995, p. 24s.) e Kron (2002, p. 15s.) comparam o sorteamento de textos com a tipologia de textos e dão as seguintes caracterizações.

O sorteamento de textos é um procedimento indutivo e empírico. Ele não categoriza o universo textual nem sistemática nem exaustivamente. Seu objetivo é a descrição de determinadas sortes de texto, relevantes para a cultura de uma comunidade de falantes. O sorteamento não exige que cada texto individual pertença a uma determinada sorte, ou seja, é possível que haja textos dentro do universo textual que não se inserem em nenhuma das sortes estabelecidas. O sorteamento fundamenta-se em critérios culturalmente relevantes, isto é, específicos e distintos para o universo textual de cada cultura. Os quatro grupos de critérios que caracterizam uma sorte de texto (área de ocorrência, função, tema e forma lingüística) concretizam e configuram-se de uma maneira diferente para cada sorte. Nem todo critério é relevante para toda sorte. O número total de sortes é indefinido, mas em todos os casos bastante grande. Sortes de texto são definidas individualmente e não em oposição a outras sortes. Para saber o que é uma receita de bolo não é relevante saber em quais propriedades ela se distingue de um cardápio ou de uma instrução de montagem. O sorteamento toma como ponto de partida as sortes empíricas encontradas na vida cotidiana, isto é, categorias que têm nomes na língua popular. Para a língua alemã, Adamzik (1995, p. 255s.) fez um levantamento de cerca de 4.000 denominações, não-

terminológicas e terminológicas, de sortes de texto, mas destaca que uma lista desse tipo, mesmo que abrangente, jamais poderá ser completa em relação ao vocabulário relevante da língua e nem exaustiva em relação ao universo de textos.

A tipologia de textos, por sua vez, é um procedimento dedutivo e teórico. Ela parte de uma teoria e busca categorizar o universo textual sistemática, explícita e exaustivamente. A tipologia tem objetivos universalistas e procura basear-se em critérios universais. Os quatro grupos de critérios (área de ocorrência, função, tema e forma lingüística) são desdobrados em oposições que transcendem o horizonte de uma só comunidade cultural e de uma só língua. A caracterização de todos os tipos de texto é efetuada por um único conjunto reduzido de critérios, e o número total de tipos é relativamente pequeno. A tipologia não se preocupa com a existência de denominações na língua popular, mas aceita a criação de uma terminologia, para dar conta de todos os tipos reais e possíveis. A especificidade de cada tipo é a somatória de suas propriedades em oposição às propriedades de todos os outros tipos. Para saber o que é um texto narrativo é relevante e suficiente que se saiba em quais propriedades ele se distingue de um texto descritivo, expositivo, argumentativo e instrutivo.

É evidente que a lingüística textual como disciplina científica não pode se contentar com um mero sorteamento ou uma simples classificação, mas deve buscar estabelecer uma tipologia de textos teoricamente fundamentada. No entanto, boa parte das pesquisas realizadas nos últimos anos tem sido mais modesta em seus objetivos. Em geral, o que tem sido feito são descrições minuciosas de sortes de texto individuais ou de conjuntos de sortes de texto que ocorrem em um determinado segmento cultural. Tais estudos costumam vir baseados em grandes *corpora* de dados empíricos, o que facilita a aplicação de seus resultados em diversos campos da cultura, desde a área da mídia (criação de hipertexto) e da computação (extração de informação) até a didática. Muitos desses trabalhos não são científicos *stricto sensu*, não produzem conhecimento sistemático e explícito, mas justamente por isso, são vistos com mais

simpatia pela sociedade do que os trabalhos cientificamente mais rigorosos dos lingüistas de outras áreas.

2.4 Sortes de texto e padrões textuais: abordagem descritiva

Segundo Adamzik (1995, p. 27s.), uma sorte de texto é caracterizada por um padrão textual (em alemão: *Textmuster*) bastante específico, um conjunto heterogêneo de propriedades, que abre pouca margem para a variação. Cada texto individual, para se inserir em uma sorte, deve ser produzido conforme o mesmo modelo pré-fabricado, que corresponde a uma rotina comunicativa, convencionalizada para determinados objetivos de interação. Justamente por isso, não seria realístico exigir que todo e qualquer texto empírico deve-se inserir em alguma sorte de texto. Boa parte dos textos reais produzidos pelos integrantes de uma comunidade segue algum padrão pré-fabricado, mas é sempre possível produzir um texto que não segue nenhum padrão desse tipo e, portanto, não se insere em nenhuma sorte de texto (embora deva inserir-se sempre em algum tipo de texto).

Para sistematizar o procedimento de descrição para sortes de texto e padrões textuais, podemos partir da observação de que cada padrão textual estabelece restrições em relação a determinados parâmetros funcionais e/ou formais. O conjunto desses parâmetros pode ser definido e sistematizado por uma teoria pragmática, semântica e gramatical. Os parâmetros desdobram os quatro grupos de critérios acima mencionados (área de ocorrência, função, tema e forma lingüística do texto). Não podemos, neste artigo, entrar nos detalhes do procedimento de descrição, mas queremos dar alguns exemplos a título de ilustração (cf. também o modelo de SCHANK & SCHOENTHAL, 1976, p. 30s.).

Para começar, algumas sortes de texto estabelecem restrições em relação ao tipo de produtor. Um poema, por exemplo, é produzido por um poeta. A própria atividade de escrever um texto dessa

categoria categoriza a pessoa. Quem escreve um poema pode ser chamado de poeta justamente por esse fato, e quem é chamado de poeta tem o direito e a obrigação de escrever poemas. O mesmo é válido por romances e romancistas, por sermões e padres e por uma série de outros pares de sorte de texto e tipo de produtor. Mas existem também sortes de texto que não possuem nenhuma limitação desse tipo. Uma carta de amor, por exemplo, pode ser produzida por qualquer pessoa. Não existe, na cultura alemã ou brasileira, uma distinção cultural entre pessoas de um tipo, que escrevem cartas de amor, e pessoas de outro tipo, que não as escrevem. No entanto, a carta de amor, em relação ao produtor, estabelece restrições funcionais: ela tem a função de manifestar seus sentimentos. Quem escreve uma carta de amor manifesta sentimentos de um determinado tipo e quem quiser manifestar tais sentimentos pode e deve escrever uma carta de amor. Esse tipo de restrição funcional em relação ao produtor não existe para poemas, romances ou sermões, mas existe também para promessas, que podem ser feitas por qualquer pessoa, mas têm sempre a função de definir algum ato futuro de quem as produz.

Algumas sortes de texto estabelecem restrições em relação ao tipo de destinatário. Livros infantis, por exemplo, são destinados a crianças; receitas de médico, a farmacêuticos; comandos de movimento como *arrel*, a bestas. Outras não restringem o tipo, mas a função do destinatário: um relatório quer informá-lo, uma carta de amor quer movê-lo. Muitas sortes de texto apresentam restrições em relação ao tipo de tema: um boletim meteorológico trata do tempo, uma receita de cozinha, de alimentos, um romance de aventuras, de aventuras. Outras restringem a função do tema: uma aula acadêmica quer esclarecê-lo, um conto de fadas quer narrá-lo, um discurso político quer discuti-lo.

Há sortes de texto que restringem o tipo de linguagem a ser usado: o sermão usa a linguagem eclesiástica, uma lei, a linguagem jurídica, uma carta pessoal, a linguagem cotidiana. As restrições podem-se referir ao meio de realização: uma epígrafe, uma lista

telefônica, um videotexto são realizados no meio escrito, enquanto uma aula, uma conversa ao telefone, um grito de independência são realizados no meio oral. Há gêneros que restringem o instrumento de realização: um e-mail é produzido no computador, um cartão postal é escrito à mão, uma carta de seqüestrador é feita com tesoura e cola. Outros gêneros restringem o meio de transmissão: um fax é transmitido pela rede telefônica, um videotexto, pela televisão, uma carta pessoal, pelo correio.

Algumas sortes de texto possuem restrições em relação ao espaço em que ocorrem: um sermão em uma igreja, um discurso à mesa junto a uma mesa de jantar, uma peça de teatro em uma sala de teatro. Pode haver restrições em relação ao posicionamento espacial do destinatário: ele está próximo ao falante em uma mesa-redonda, mas longe dele numa conversa ao telefone ou em uma videoconferência. Há sortes de texto que restringem a seqüenciação com determinados eventos: uma bênção dos alimentos é feita antes da refeição, ou em relação a textos de outras sortes: sobre uma solicitação de afastamento é emitido um parecer, em seguida, a solicitação é aprovada ou reprovada, e mais tarde é elaborado um relatório de afastamento. Pode haver restrições em relação à modalidade epistêmica do texto (certeza vs. incerteza): um relatório relata certezas, um história de mentiras narra mentiras, um *brainstorming* levanta idéias contingentes. Finalmente, existem textos que restringem a modalidade deôntica ou volitiva do texto (desejabilidade vs. indesejabilidade): um comando e uma lei estabelecem obrigações, uma carteira de motorista estabelece uma permissão, uma carta de alforria libera de obrigações.

2.5 Aplicação na didática

O padrão textual de uma dada sorte de texto pode ser especificado mediante o levantamento e detalhamento das restrições em relação a esses parâmetros de variação. Descrições desse tipo têm, antes de mais nada, utilidade prática na didática de línguas estrangei-

ras e materna (cf. ADAMZIK, 2000, p. 7). Como exemplo, podemos citar uma coletânea de artigos organizada por Sommerfeldt & Schreiber (2001), que traz resumos de diversas dissertações de mestrado em germanística, elaboradas por pós-graduandos poloneses. Todos esses trabalhos tratam de sortes de texto, em sua maioria típicas de jornais e revistas: carta de leitor, anúncio familiar, boletim meteorológico, anúncio de procura de companheiro, anúncio de imóveis, propaganda de turismo, anúncio de emprego, descrição de doença (em revistas médicas populares), bula de remédio, propaganda de cosméticos, reportagem de esporte. Para cada sorte de texto, os autores descrevem detalhadamente metas e funções comunicativas, atos de fala típicos, estrutura do texto, vocabulário, verbos e construções sintáticas, emprego das diáteses verbais, recursos referenciais (pronomes etc.), emprego dos tempos e modos verbais e das modalidades. Para o aprendiz da língua materna e da estrangeira em nível avançado, tais informações são úteis e até mesmo indispensáveis, tanto para a compreensão quanto para a produção.

Reiteramos, no entanto, que pesquisas desse gênero não são projetos científicos propriamente ditos. São estudos descritivos com objetivos práticos. Elas não produzem conhecimento novo, mas reorganizam conhecimento já disponível, adaptam-no para novos usuários e, dessa maneira, contribuem para preservar tradições culturais e para garantir sua continuidade. É esse papel que parece caracterizar mais adequadamente a presente situação da lingüística textual na Alemanha.

3. PRINCIPAIS PERSPECTIVAS DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL NO BRASIL

No Brasil, os primeiros trabalhos relacionados ao estudo lingüístico do texto surgiram no final dos anos 1970. A tradução de duas obras – *Semiótica narrativa e textual* de Chabrol e outros pesquisadores (1977) e *Lingüística e teoria do texto* de Schmidt (1978) – para o português contribuiu bastante para esse novo olhar sobre os

estudos lingüísticos. Outro fato importante foi a publicação, em Portugal, do livro *Pragmática lingüística e ensino de português* de Joaquim Fonseca e Fernanda Irene Fonseca (1977), no qual se buscava aplicar os princípios da pragmática lingüística ao ensino de língua materna, objetivando um enfoque textual, como já era comum em outros países europeus.

Nessa mesma época, desenvolviam-se, na Universidade Estadual de Campinas, os primeiros estudos sobre o discurso, em uma perspectiva da semântica argumentativa: *O intervalo semântico* de Vogt (1977) e *Argumentação e discurso político* de Osakabe (1979).

Contudo, é a partir da década de 1980 que, efetivamente, começam a proliferar os estudos de lingüística textual. Depois da publicação do artigo "Por uma gramática textual", na Revista *Letras de Hoje*, de autoria de Ignácio Antonio Neis, em 1981, surgem os primeiros livros na área: *Lingüística Textual. Introdução*, de Leonor Fávero & Ingedore Koch, e *Lingüística de Texto: o que é e como se faz*, de Luiz Antônio Marcuschi, ambos publicados em 1983. Muitos pesquisadores começam a escrever artigos em revistas nos quais desenvolvem trabalhos sob esta perspectiva, surgindo inclusive números integralmente dedicados aos estudos sobre o texto (cf. *Letras de Hoje* 18.2; *Cadernos PUC* nº 22: *Lingüística Textual – texto e leitura*). Em congressos e seminários de pesquisa começam a aparecer trabalhos desenvolvidos nesta perspectiva. Começam, então, a se formar vários núcleos de pesquisa sobre texto. Tais núcleos geram o interesse de alunos e passam a frutificar cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização, ministrados em várias universidades do país. Também surgem as primeiras dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o tema (cf. KOCH, 1999, p. 176).

3.1 Perspectivas teóricas

As pesquisas sobre texto realizadas no Brasil têm por base estudos desenvolvidos na Alemanha (WEINRICH, 1964; DRESSLER, 1978; DE BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981; GÜLICH & KOTSCHI,

1983; MOTSCH, 1987 etc.), na Holanda (VAN DIJK, 1983), na França (CHAROLLES, 1983; CHARRADEAU, 1983; COMBETTES, 1986, 1988; ADAM, 1990, 1992; VIGNER, 1990; MOIRAND, 1990; BRONCKART, 1996 etc.), na Inglaterra (HALLIDAY & HASAN, 1976, principalmente), na Espanha (BERNÁRDEZ, 1982 e 1995) e nos Estados Unidos, tanto por lingüistas (CHAFE, 1970, 1972, 1974, 1987; GIVÓN, 1979a, 1979b; THOMPSON, 1980; PRINCE, 1981; BROWN & YULE, 1981 etc.) como por pesquisadores da área de psicologia e inteligência artificial (MINSKY, 1975; CLARK & CLARK, 1977; SCHANK & ABELSON, 1977; RUMELHART, 1980; JOHNSON-LAIRD, 1983; SANFORD & GARROD, 1985, entre outros). Na década de 1990, encontramos de modo efetivo pesquisas relacionadas à anáfora e referência, com forte influência de estudos realizados na França e Suíça (cf. BARROS, 1999c).

3.1.1 Primeiro momento

No início da década de 1980, publicaram-se no Brasil obras sobre lingüística textual que tinham como meta não só apresentar ao leitor brasileiro esse novo ramo da ciência lingüística, seus objetivos, pressupostos teóricos, categorias de análise, mas também delinear um panorama geral do que estava sendo feito na Europa (NEIS, 1981; FÁVERO & KOCH, 1983; MARCUSCHI, 1983). Nessa época os pontos mais abordados foram: os critérios de textualidade propostos por De Beaugrande & Dressler (1981), em especial, a coesão textual discutida sob a perspectiva de Halliday & Hasan (1976).

Em 1985, Lúcia M.K. Bastos publica seu trabalho intitulado *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. A partir dessa época, revistas especializadas e anais de congressos passam a incorporar em suas publicações artigos e comunicações sobre os critérios de textualidade, bem como sobre o emprego dos tempos verbais e as tipologias textuais. Cabe destacar que, nos trabalhos publicados, os pesquisadores brasileiros não apenas fazem uma revisão crítica dos critérios de textualidade, como também postulam que se deixe de considerar a coerência apenas um fator entre outros,

para entendê-la como um macrofator da textualidade, resultante da atuação conjunta de todos os demais fatores e, portanto, decisiva para a caracterização da textualidade (cf. MARCUSCHI, 1983; KOCH, 1984, 1985a/b, 1988, 2004; FÁVERO, 1991).

Quanto ao estudo sobre os tempos verbais, as pesquisas se desenvolveram com base na teoria de Weinrich (1964), embora os autores brasileiros apresentem alguns questionamentos de ordem geral e apontem inadequações na teoria quando aplicada ao português (cf. KOCH, 1982, 1984, 1992). Em relação aos tipos de texto, uma das influências mais fortes foi a de Van Dijk (1989; VAN DIJK & KINTSCH 1983). Seu conceito de superestrutura, aplicado à descrição de diversos tipos de texto, foi bem aceito entre os pesquisadores brasileiros, tendo sido a base teórica para muitos trabalhos aqui desenvolvidos. O mesmo se pode dizer sobre os conceitos de macroestrutura e a descrição das estratégias de sumarização, que foram aplicadas a vários estudos sobre compreensão e produção textual, produção de resumos, estudos que deram origem a dissertações de mestrado e teses de doutorado orientadas por pesquisadores que atuam na área de lingüística textual.

3.1.2 Segundo momento

No ano de 1989, são publicados os livros *A coesão textual*, de Koch, e *Texto e coerência*, de Koch & Travaglia, e, em 1990, *A coerência textual*, também de Koch & Travaglia (1993), que dão início a uma segunda etapa dos estudos sobre o texto no Brasil.

Em seu estudo sobre coesão, Koch afasta-se um pouco da teoria desenvolvida por Halliday & Hasan (1976) e passa a incorporar em seu trabalho as idéias de autores alemães como, por exemplo, Meyer-Hermann (1976) e Kallmeyer (1974), classificando os mecanismos de coesão com base, primordialmente, em sua função textual. Desse modo, a autora distingue dois grupos de recursos coesivos: os responsáveis pela remissão a outros elementos textuais ou inferíveis (coesão remissiva ou referencial) e os que concor-

rem para a progressão textual, permitindo a continuidade de sentidos (coesão sequencial).

Nos trabalhos sobre coerência, Koch & Travaglia conceituam a coerência como “um princípio de interpretabilidade do texto”, na esteira de Charolles (1983), com base em três pressupostos:

(i) a coerência não constitui simples qualidade ou propriedade do texto em si;

(ii) em decorrência do primeiro pressuposto, ela não se confunde com a coesão, a qual não é condição necessária nem suficiente da coerência;

(iii) a coerência resulta da atuação conjunta de uma rede de fatores de ordem lingüística, cognitiva, sociocultural, interacional etc.

Nos anos 1990, surgem outras publicações de lingüistas brasileiros que defendem posições semelhantes, como se pode verificar em Fávero (1991) e Costa Val (1991).

Cabe destacar que também os trabalhos de Güllich & Raible (1972) e de Güllich & Kotschi (1983) influenciaram sobremaneira algumas das pesquisas desse período, principalmente aquelas relacionadas à formulação textual, como se pode verificar em Barros & Melo (1990) e Hilgert (1993).

3.1.3 Momento atual

No início da década de 1990, os pesquisadores brasileiros apresentavam uma forte tendência para seguir uma perspectiva sociointeracional no trabalho com a linguagem (cf. GERALDI, 1991; KOCH, 1992) e, conseqüentemente, para os estudos dos processos e estratégias sociocognitivos envolvidos no processamento textual (relativos à compreensão e à produção), como se observa nos trabalhos de Marcuschi e Koch, que buscaram discutir a produção da inferência (cf. MARCUSCHI, 1994; KOCH, 1993a). Dentro desse enfoque, os principais objetos de pesquisa têm sido a estrutura e

funcionamento da memória, as formas de representação dos conhecimentos (observando o acesso, a utilização, a recuperação e a atualização), as principais estratégias (sociocognitiva, interacional e textual) acionadas durante o processo de produção/intelecção. Os pesquisadores brasileiros que se dedicam ao estudo dessas questões, em particular Marcuschi e Koch, tomam como base teórica, principalmente, as obras de SCHWARZ (1992), RICKHEIT & STROHNER (1985), HEINEMANN & VIEHWEGER (1991), VAN DIJK (1989, 1994) e VIGNAUX (1991).

Outra forte tendência é aquela que se dedica ao estudo dos gêneros textuais, baseando-se na obra de Bakhtin, *Estética da criação verbal*, e também nas pesquisas de Adam (1990, 1992) no que se refere à questão da tipologia textual. No Brasil destacam-se os trabalhos de MARCUSCHI (1996, 2001, 2002, 2003), BRANDÃO (2000, 2003), BONINI (2001), MEURER & MOTTA-ROTH (2002), entre outros.

Ainda na segunda metade da década de 1990, continua em evidência a questão da referenciação, em que são discutidas as diversas formas de remissão textual e os vários tipos de recursos anafóricos e de seu processamento sociocognitivo (cf. MARCUSCHI, 1994, 1997; KOCH, 1996, 1997, 2004). No ano de 2003, publica-se uma coletânea de artigos de lingüistas franceses sobre referenciação, organizada por Mônica Magalhães Cavalcante, Bernardete Biasi Rodrigues e Alena Ciúlla. Essa publicação faz parte das atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa *Protexto*, desenvolvido na Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual de Campinas e Universidade do Sul, visando a ampliar o âmbito das pesquisas sobre texto e discurso no país.

Como campos de aplicação, podemos mencionar o ensino da língua materna e de línguas estrangeiras (cf. CASTILHO, 1998; FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 1999; SIGNORINI 2001) e alguns estudos sobre alfabetização e aquisição da escrita (p.ex.: KOCH, 1993b, 1994; KLEIMAN, 1995; MILANEZ, 1993; MARCUSCHI, 1993, 1997; MASSINI-CAGLIARI, 1997; CORRÊA, 2001). Outro campo bastante promissor é o uso da língua na comunicação de massa e na mídia:

entrevistas de rádio e televisão, debates televisivos, telejornais, telenovelas, internet – abordando pesquisas sobre hipertexto, *chats* e *e-mail* (cf. OLIVEIRA, 1996; HILGERT, 2000; BONINI, 2000; MARCUSCHI & XAVIER, 2004, entre outros).

3.2 Estudos do texto falado

Outra corrente de pesquisa sobre texto que tem crescido muito no Brasil é a que se dedica aos estudos do texto falado (cf. ZILLES, 2000; MARCUSCHI, 1986; Andrade, 2001). Esses estudos realizam-se, especificamente, no interior de três projetos temáticos. O primeiro deles, intitulado *Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta* (NURC), com núcleos em Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e São Paulo, visava a investigar, na década de 1970, a norma objetiva do português culto falado no Brasil, em seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e vocabulares, a partir de gravações coletadas nessas grandes capitais. Nas décadas de 1980 e 1990, os pesquisadores de Recife e São Paulo aproveitaram o material coletado para observar esses mesmos dados sob uma perspectiva da análise da conversação, objetivando os estudos textuais-interativos. Os pesquisadores do projeto em São Paulo (Universidade de São Paulo), coordenados pelo professor Dino Preti, têm publicado vários estudos sobre oralidade e escrita, discurso oral culto, interação verbal e léxico nas duas modalidades da língua (cf. PRETI, 1993, 1997, 1998, 2000, 2002, 2003).

O segundo projeto é o *Censo da Variação Lingüística* (do Rio de Janeiro) que trabalha desde os anos 1980 e caracteriza-se por uma abordagem sociolingüística, visando – atualmente – a uma interface com o discurso. Dentre os pesquisadores desse grupo destacam-se Maria Cécilia Mollica e Cláudia Nívea Roncarati (cf. KOCH, 1999; MOLLICA, 2003).

O último, denominado *Projeto de Gramática do Português Falado* (PGPF), é coordenado pelo professor Ataliba Teixeira de Castilho e teve início na década de 1980 (1988), visando a produzir coletiva-

mente uma gramática de referência do português culto falado no Brasil, com dados do projeto NURC, anteriormente descrito. Já se encontram publicados oito volumes de uma coleção denominada *Gramática do Português Falado*, que reúne trabalhos produzidos por cerca de trinta e cinco pesquisadores (distribuídos em três grupos de projetos temáticos), vinculados a diversas universidades do país. Os temas abordados são, em linhas gerais:

- (i) classes lexicais e gramaticais (incluindo morfologia derivacional e flexional) e sintaxe das classes gramaticais;
- (ii) relações gramaticais (englobando fonologia e fonética) e
- (iii) organização textual-interativa.

Dentre todos os grupos, interessa sobremaneira destacar para esta pesquisa o grupo que desenvolve o tema *Organização Textual-Interativa no Português Falado no Brasil*, que se dedica não só à abordagem textual-interativa que o fundamenta, mas também mobiliza conceitos de lingüística textual, análise da conversação e da pragmática lingüística. Desse modo, aborda temas tais como: a natureza do texto falado, a organização tópica do texto falado, estratégias de construção textual, marcadores discursivos e/ou conectores textuais (cf. KOCH, 1999; NEVES, 1999; KOCH & JUBRAN, no prelo).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, constata-se que, no Brasil, não só a lingüística textual, como também estudos sobre o texto realizados sob outras perspectivas teóricas, tais como: análise do discurso (cf. BRANDÃO, 1991; BARROS, 1999c), sociolingüística interacional (cf. RIBEIRO & GARCEZ, 1998) e pragmática lingüística (cf. GUIMARÃES, 1983; BRANDÃO, 1997), encontram campo fértil e têm apresentado resultados significativos nos vários grupos de pesquisa das universidades federais e estaduais e em algumas universidades privadas.

Na evolução histórica da lingüística textual, observam-se as mesmas macro-tendências no Brasil e na Alemanha: da teoria para a aplicação, do texto abstrato para o texto concreto, do micro-texto para o macro-texto e das forças centrípetas para as forças centrífugas.

Na Alemanha, atualmente, boa parte da lingüística textual parece estar mais ligada aos estudos culturais do que às subdisciplinas clássicas da lingüística. As fronteiras entre lingüística textual, estudos da comunicação e da mídia e estudos literários tornaram-se permeáveis em ambas as direções. Isso tem contribuído para que a lingüística textual se mantivesse popular com os estudantes e continuasse respeitada com a mídia e com a sociedade em geral, mesmo em tempos em que a popularidade da lingüística como um todo está decrescendo.

A lingüística textual brasileira hoje em dia parece estar mais independente de modelos europeus do que nas fases anteriores de sua história. Desde os anos 1990, ela tem desenvolvido cada vez mais seu próprio perfil, determinado por discursos especificamente brasileiros. Para que isso pudesse acontecer, foi de suma importância a elaboração de amplos *corpora* do português brasileiro, que documentam suas especificidades fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais. No âmbito dos vários projetos de pesquisa que exploram esses dados, a lingüística textual faz suas contribuições para a descrição e definição da variedade brasileira da língua portuguesa, em distinção à variedade européia e às demais variedades. Ela participou de um amplo debate sobre os objetivos e métodos do ensino da língua materna nas instituições de ensino públicas e privadas do Brasil e também do grande projeto cultural de alfabetizar integralmente a sociedade brasileira e de democratizar e diversificar a cultura da escrita. Com todos esses projetos, ela tem contribuído de maneira significativa para o desdobramento da identidade cultural do Brasil.

BLÜHDORN, Hardarik; ANDRADE, Maria Lúcia da C. Victório de Oliveira. Tendências recentes da lingüística textual na Alemanha e no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- AARSETH, E. J. *Cybertext. Perspectives on Ergodic Literature*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.
- ADAM, J.-M. *Éléments de linguistique textuelle*. Paris: Mardaga, 1990.
- _____. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- ADAMZIK, K. *Textsorten – Texttypologie*. Eine kommentierte Bibliographie. Münster: Nodus, 1995.
- _____. (Org.). *Textsorten*. Reflexionen und Analysen. Tübingen: Stauffenburg, 2000.
- _____. *Kontrastive Textologie*. Untersuchungen zur deutschen und französischen Sprach- und Literaturwissenschaft. Mit Beiträgen von Roger Gaberell und Gottfried Kolde. Tübingen: Stauffenburg, 2001.
- _____. *Textlinguistik*. Eine einführende Darstellung. Tübingen: Niemeyer, 2004.
- ANDRADE, M. L. C. V. O. *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001.
- ANTOS, G.; AUGST, G. (Orgs.). *Textoptimierung*. Das Verständlichermachen von Texten als linguistisches, psychologisches und praktisches Problem. 2. ed. Frankfurt/Main: Lang, 1992.
- ANTOS, G.; KRINGS, H. P. (Orgs.). *Textproduktion*. Ein interdisziplinärer Forschungsüberblick. Tübingen: Niemeyer, 1989.
- ANTOS, G.; TIETZ, H. (Orgs.). *Die Zukunft der Textlinguistik*. Traditionen, Transformationen, Trends. Tübingen: Niemeyer, 1997.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. P. Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1929=1997.
- _____. *Estética da criação verbal*. Trad. a partir do francês de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1979 = 1992.
- BARROS, D. L. P. "Dialogismo, polifonia e enunciação". In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. Em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: EDUSP, p. 1-9, 1999a.
- _____. "Estudos do texto e do discurso e questões de ensino no Brasil". In: VALENTE, A. (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. São Paulo: Vozes, p. 101-111, 1999b.
- _____. "Estudos do texto e do discurso no Brasil". *Lingüística*. Publicação anual da ALFAL. São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 189-202, 1999c.
- _____.; MELO, Z. Ma. Z. C. "Procedimentos e funções da correção na conversação". In: PRETI, D.; URBANO, H. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, p. 13-58, 1990.
- BASTOS, L. M. K. *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1985.
- BERKENBUSCH, G. *Hörer beraten Hörer: Gesprächsorganisation und Verfahren der mündlichen Textproduktion*. Eine vergleichende konversationsanalytische Studie zu spanischen, katalanischen und französischen Radiosendungen mit Hörerbeteiligung. Tübingen: Stauffenburg, 2002.

Filol. lingüíst. port., n. 7, p. 13-48, 2005.

- BERNÁRDEZ, E. *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.
- _____. *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Catedra, 1995.
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. *Corpus linguistics*. Investigating language structure and use. Cambridge: University Press, 1998.
- BITTNER, J. *Digitalität, Sprache, Kommunikation*. Eine Untersuchung zur Medialität von digitalen Kommunikationsformen und Textsorten und deren varietätenlinguistischer Modellierung. Berlin: Erich Schmidt, 2003.
- BLÜHDORN, H. The relation between pragmatics, semantics and grammar and the notion of linguistic coherence. *S – European Journal for Semiotic Studies* 10/1-2, p. 25-71, 1998a.
- _____. Textverständlichkeit und Textvereinfachung im deutschsprachigen Fachunterricht (DFU). *Zielsprache Deutsch* 29.4, p. 162-172, 1998b.
- _____. Coerência no discurso e na cognição. São Paulo: USP, 2000. [Manuscrito]
- BONINI, A. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. *Revista de Letras*, Universidade Federal do Ceará, n. 22, vol 1/2, p. 5-13, jan/dez. 2000.
- _____. Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* n. 37, p. 7-23, 2001.
- BÖRNER, W.; VOGEL, K. (Orgs.). *Texte im Fremdspracherwerb*. Verstehen und Produzieren. Tübingen: Narr, 1996.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- _____. Pragmática lingüística: delimitação e objetivos. In: MOSCA, L. L. S. (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997, p. 161-182.
- _____. (Org.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. Gêneros do discurso e topos textuais. In: *Língua Portuguesa – Módulo 2*. Programa de Educação Continuada, PEC-Construindo Sempre. São Paulo: CENP-USP, 2003.
- BRINKER, K.; ANTOS, G.; HEINEMANN, W; SAGER, S. F. (Orgs.). *Text- und Gesprächslinguistik*. Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung. 2 vols., Berlin: de Gruyter, 2000/2001.
- BRONCKART, J.-P. *Activé langagière, textes et discours*. Pour un interactionisme socio-discursif. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1996.
- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIÚLLA, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CHABROL, C. et al. *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CHAFE, W. *Meaning and the structure of language*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- _____. Discourse structure and human knowledge. In: CARROLL, J. B.; FREEDLE, R. O. (Eds.). *Language comprehension and the acquisition of knowledge*. Washington: Wiley, 1972.
- _____. Language and consciousness. *Language* n. 50, 1974.

BLÜHDORN, Hardarik; ANDRADE, Maria Lúcia da C. Victório de Oliveira. Tendências recentes da lingüística textual na Alemanha e no Brasil.

- _____. Cognitive constraints of information a flow. In: TOULMIN, R. S. (Ed.). *Coherence and gouding in discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1987.
- CHARRADEAU, P. *Langage et discours. Éléments de semiolinguistique*. Paris: Hachette, 1983.
- CHAROLLES, M. Coherence as a principle in the interpretation of discourse. *Text* 3/1, p. 71-99, 1983.
- CLARK, H. CLARK, E. V. *Psychology and language: an introduction to psycholinguistic*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1977.
- COMBETTES, B. Le texte explicatif: aspects linguistiques. *Pratiques*, Metz, n. 51, 1986.
- _____. Fonctionnement des nominalisations et des appositions dans le texte explicatif. *Pratiques*, Metz, n. 58, 1988.
- CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 135-166.
- COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- DE BEAUGRANDE, R.-A.; DRESSLER, W. U. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 1981.
- DITTMAR, N. *Transkription. Ein Leitfaden mit Aufgaben für Studenten, Forscher und Laien*. Opladen: Leske & Budrich, 2002.
- DRESCHER, M. (Org.). *Textsorten im romanischen Sprachvergleich*. Tübingen: Stauffenburg, 2002.
- DRESSLER, W. U. (Ed.). *Current trends in linguistics*. Berlin: de Gruyter, 1978.
- ECKKRAMMER, E. M.; EDER, H. M. (Cyber)Diskurs zwischen Konvention und Revolution. Eine multilinguale textlinguistische Analyse von Gebrauchstextsorten im realen und virtuellen Raum. Frankfurt/Main: Lang, 2000.
- FÁVERO, L. L. Intencionalidade e aceitabilidade como critérios de textualidade. *Cadernos PUC 22: Lingüística textual – texto e leitura*, p. 31-38, 1985.
- _____. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *Coesão e coerência textuais*. 3.ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1995.
- _____.; KOCH, I. V. *Lingüística textual*. Introdução. São Paulo: Cortez, 1983.
- _____.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FIX, U.; ADAMZIK, K; ANTOS, G.; KLEMM, M. (Orgs.) *Brauchen wir einen neuen Textbegriff?* Frankfurt/Main: Lang, 2002.
- FIX, U.; HABSCHIED, S.; KLEIN, J. (Orgs.) *Zur Kulturspezifik von Textsorten*. Tübingen: Stauffenburg, 2001.
- FIX, U.; WELLMÄNN, H. *Bild im Text – Text und Bild*. Heidelberg: Winter, 2000.
- FONSECA, J.; FONSECA, F. I. *Pragmática lingüística e o ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1977.
- FRITZ, G. Kohärenz. *Grundfragen der linguistischen Kommunikations-analyse*. Tübingen: Narr, 1982.
- GANSEL, C.; JÜRGENS, F. *Textlinguistik und -Textgrammatik*. Eine Einführung. Opladen: Westdeutscher Verlag, 2002.

Filol. lingüíst. port., n. 7, p. 13-48, 2005.

- GERALDI, J. W. *Portas de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979a.
- _____. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. *Syntax and semantics*. Vol. 12. New York: Academic Press Inc., 1979b.
- GREIMAS, A.-J. *Structural semantics. An attempt at a method*. Trad. Daniele McDowell, Ronald Schleifer & Alan Velie. Lincoln, University of Nebraska Press, 1983 (original: *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris, Larousse, 1966).
- GUIMARÃES, E. R. J. Sobre alguns caminhos da Pragmática. *Sobre Pragmática. FIUBE, Uberaba*, 1983.
- GÜLICH, E.; RAIBLE, W. (Orgs.) *Textsorten. Differenzierungskriterien aus linguistischer Sicht*. Frankfurt: Athenäum, 1972.
- GÜLICH, E.; KOTSCHI, T. Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. *Cahiers de Linguistique Française* 5, p. 305-351, 1983.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HARTMANN, P. Texte als linguistisches Objekt. In: STEMPER, W.-D. (Org.). *Beiträge zur Textlinguistik*. München: Fink, p.9-29, 1971.
- HARWEG, R. *Pronomina und Textkonstitution*. 2. ed. München: Fink, 1968=1979.
- _____. *Studien zur Textlinguistik*. Aachen: Shaker, 2001.
- HASSLER, G. (Org.). *Texte im Text. Untersuchungen zur Intertextualität und ihren sprachlichen Formen*. Münster: Nodus, 1997.
- HAYES, J.; FLOWER, L. Identifying the organisation of writing processes. In: GREGG, L. W.; STEINBERG, E. R. (Orgs.) *Cognitive processes in writing*. Hillsdale: Erlbaum, 1980, p. 3-30.
- HEINEMANN, M.; HEINEMANN, W. *Grundlagen der Textlinguistik*. Interaktion – Text – Diskurs. Tübingen: Niemeyer, 2002.
- HEINEMANN, W. Textsorten. Zur Diskussion um Basisklassen des Kommunizierens. Rückschau und Ausblick. In: ADAMZIK (Org.), 2000, p. 9-29.
- _____.; VIEHWEGER, D. *Textlinguistik*. Eine Einführung. Tübingen: Niemeyer, 1991.
- HILGERT, J. G. *Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual*. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado. Vol. III: As abordagens*. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1993, p. 99-110.
- _____. *A construção do texto 'falado' por escrito: a conversação na internet*. In: PREN, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 17-55.
- HOLTHUIS, S. *Intertextualität*. Aspekte einer rezeptionsorientierten Konzeption. Tübingen: Stauffenburg, 1993.
- JOHNSON-LAIRD, P. N. *Mental models*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- KALLMEYER, W. (Org.). *Kommunikationstypologie. Handlungsmuster, Textsorten, Situationstypen*. Düsseldorf: Schwann, 1986.
- KALLMEYER, W. et al. *Lektürekolleg zur Textlinguistik*. Frankfurt: Athenäum, 1974.
- KEIM, I.; ANDROUTSOPOULOS, J. Hey Lan, isch geb dir konkret Handy. Deutsch-türkische Mischsprache und Deutsch mit ausländischem Akzent: Wie Sprechweisen der Straße durch die Medien populär werden. In: *Frankfurter Allgemeine Zeitung* 21, 26 Jan. 2000.

- BLÜHDORN, Hardarik; ANDRADE, Maria Lúcia da C. Victório de Oliveira. Tendências recentes da lingüística textual na Alemanha e no Brasil.
- KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIN, J.; FIX, U. (Orgs.) *Textbeziehungen*. Linguistische und literaturwissenschaftliche Beiträge zur Intertextualität. Tübingen: Stauffenburg, 1997.
- KOCH, I. G. V. Os tempos verbais no discurso. *Ângulo* 13/14, p. 14-17, 1982.
- _____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- _____. A situacionalidade como elemento da textualidade. *Letras de Hoje* 18.2, p. 21-28, 1985a.
- _____. A intertextualidade como elemento da textualidade. *Cadernos PUC 22: Lingüística textual – texto e leitura*, p. 39-46, 1985b.
- _____. Principais mecanismos de coesão textual em português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 15, p. 73-80, 1988.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? *DELTA* 7, p. 529-541, 1991.
- _____. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido. *Revista Delta* 9, nº especial, p. 399-416, 1993a.
- _____. A atividade de produção textual. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 24, p. 65-74, 1993b.
- _____. Coesão e coerência: verso e reverso. *Morphé* 9/10, p. 309-320, 1994.
- _____. Cognição e processamento textual. *Revista da Anpoll* 2, p. 35-44, 1996.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto, 1997.
- _____. O desenvolvimento da lingüística textual no Brasil. *Lingüística*. Publicação anual da ALFAL São Paulo, Universidade de São Paulo, p. 175-188, 1999.
- _____. *Introdução à lingüística: trajetória e grandes temas..* São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1993.
- _____.; JUBRAN, C. C. A. S. (Orgs.) *Gramática do português falado: construção do texto falado*. Vol. 1. Campinas: Editora da Unicamp, no prelo.
- KRINGS, H. P.; ANTOS, G. (Orgs.). *Textproduktion*. Neue Wege der Forschung. Traer: WVT, 1992.
- KRISTEVA, J. Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman. *Critique* 239, p. 438-465, 1967.
- KRON, O. *Probleme der Texttypologie. Integration und Differenzierung handlungstheoretischer Konzepte in einem Neuansatz*. Frankfurt/Main: Lang, 2002.
- KUHLEN, R. *Hypertext*. Ein nicht-lineares Medium zwischen Buch und Wissenschaft. Berlin: Springer, 1991.
- LINKE, A.; NUSSBAUMER, M. Intertextualität. Linguistische Bemerkungen zu einem literaturwissenschaftlichen Textkonzept. In: ANTOS, G.; TIETZ, H. (Orgs.) *Die Zukunft der Textlinguistik*. Traditionen, Transformationen, Trends. Tübingen: Niemeyer, p. 109-126, 1997.
- Filol. lingüist. port., n. 7, p. 13-48, 2005.
- MACKELDEY, R. (Org.). *Textsorten / Textmuster in der Sprech- und Schriftkommunikation. Festschrift zum 65. Geburtstag von Wolfgang Heinemann*. Leipzig: Wissenschaftliche Beiträge der Universität, 1991.
- MARCUSCHI, L. A. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.
- _____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. (Org.). *Quem é quem na pesquisa em letras e lingüística no Brasil*. Recife: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística – ANPOLL, 1992.
- _____. *O tratamento da oralidade no ensino de língua*. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. Estratégias de identificação referencial na interação face a face. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional da ABRALIN, 1994.
- _____. *Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais*. Recife, 1996. [Trabalho não publicado.]
- _____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1997, p. 95-130.
- _____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- _____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. Recife, 2003. [Versão provisória, não publicada.]
- _____.; XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *O texto na alfabetização: coesão e coerência*. Campinas, edição da autora, 1997.
- MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros textuais*. Bauru: EDUSC, 2002.
- MEYER-HERMANN, R. Some topics in the study of referentials in Portuguese. In: SCHMIDT-RADEFELDT, J. (Ed.). *Readings in Portuguese linguistics*. Amstêrdam: North-Holland, 1976, p. 267-287.
- MILANEZ, W. *Pedagogia do oral*. Campinas: Sama, 1993.
- MINSKY, M. A framework for representation knowledge. In: WINSTON, P. H. (Ed.). *The psychology of computer vision*. New York: McGraw-Hill, 1975.
- MOIRAND, S. *Une grammaire des textes et des dialogues*. Paris: Hachette, 1990.
- MOLITOR-LÜBBERT, S. Schreiben als mentaler und sprachlicher Prozess. In: HARTMUT, G.; LUDWIG, O. (Orgs.) *Schrift und Schriftlichkeit*. Ein interdisziplinäres Handbuch internationaler Forschung. 2º vol. Berlin: de Gruyter, 1996, 1005-1027.
- MOLICA, M. C. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- MOTSCH, W. (Ed.). *Satz, Text, Sprachliche Handlung*. Berlin: Akademie, 1987.
- MÜLLER-HAGEDORN, S. *Wissenschaftliche Kommunikation im multimedialen Hypertext*. Bestandsaufnahme und Umsetzung am Beispiel germanistischer Mediävistik. Tübingen: Stauffenburg, 2002.

BLÜHDORN, Hardarik; ANDRADE, Maria Lúcia da C. Victório de Oliveira. Tendências recentes da lingüística textual na Alemanha e no Brasil.

NEIS, I. A. Por uma gramática textual. *Letras de Hoje* 44, p. 35-52, 1981.

_____. Por que uma lingüística textual? *Letras de Hoje* 18.2, p. 7-12, 1985.

NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VII – Novos estudos. São Paulo: Humanitas; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

OLIVEIRA, E. L. *Hipertradução*. Perspectivas para a tradução multilingüe e multimídia. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

OSAKABE, H. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós, 1979.

PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.) *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PÖCKL, W. Kontrastive Textologie. Ein Projektbericht. In: *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht. Didaktik und Methodik im Bereich Deutsch als Fremdsprache* 2.1, 1997. Disponível em: <http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_02_1/beitrag/poeckl.htm>.

PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo, Humanitas, 1993 (vol. 1).

_____. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanitas, 1997 (vol. 2).

_____. (Org.). *Estudos de língua falada: Variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998 (vol. 3).

_____. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000 (vol. 4).

_____. (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002 (vol. 5).

_____. (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003 (vol. 6).

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Org.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981, p. 223-255.

RAU, C. *Revisionen beim Schreiben. Zur Bedeutung von Veränderungen in Textproduktionsprozessen*. Tübingen: Niemeyer, 1994.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolingüística interacional*. Porto Alegre: Age, 1998.

RICKHEIT, G. (Org.). *Kohärenzprozesse. Modellierung von Sprachverarbeitung in Texten und Diskursen*. Opladen, Westdeutscher Verlag, 1991.

_____; HABEL, C. (Orgs.) *Focus and coherence in discourse processing*. Berlin: de Gruyter, 1995.

_____; STROHNER, H. (Eds.). *Inferences in text processing*. Amsterdam: North-Holland, 1985.

_____; STROHNER, H. Towards a Cognitive Theory of Linguistic Coherence. *Theoretical Linguistics* 18, p. 209-237, 1992.

RUMELHART, D. E. Schemata: the building blocks of cognition. In: SPIRO, R. et al. *Theoretical issues in reading comprehension*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1980.

SANFORD, A. J.; GARROD, S. C. The role of background knowledge in psychological accounts of text comprehension. In: ALWOOD; HJELMQUIST (Eds). *Foregrounding background*. Lind: Doxa, 1985.

SCHANK, R. C.; ABELSON, R. P. *Scripts, plans, goals, and understanding. An inquiry into human knowledge structures*. Hillsdale/N.J.: Erlbaum, 1977.

Filol. lingüíst. port., n. 7, p. 13-48, 2005.

SCHANK, G.; SCHOENTHAL, G. *Gesprochene Sprache. Eine Einführung in Forschungsansätze und Analysemethoden*. Tübingen: Niemeyer, 1976.

SCHERNER, M. *Sprache als Text. Ansätze zu einer sprachwissenschaftlich begründeten Theorie des Textverstehens*. Forschungsgeschichte – Problemstellung – Beschreibung. Tübingen: Niemeyer, 1984.

SCHMIDT, S. J. *Lingüística e teoria do texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SCHWARZ, M. *Einführung in die kognitive Linguistik*. Tübingen: Franke, 1992.

SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOMMERFELDT, K.-E.; SCHREIBER, H. (Orgs.). *Textsorten des Alltags und ihre typischen sprachlichen Mittel*. Frankfurt/Main: Lang, 2001.

STROHNER, H. *Textverstehen. Kognitive und kommunikative Grundlagen der Sprachverarbeitung*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

_____. *Kognitive Systeme. Eine Einführung in die Kognitionswissenschaft*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1995.

_____; BROSE, R. (Orgs.) *Kommunikationsoptimierung. Verständlicher – instruktiver – überzeugender*. Tübingen: Stauffenburg, 2002.

_____; RICKHEIT, G. Kognitive, kommunikative und sprachliche Zusammenhänge: Eine systemtheoretische Konzeption linguistischer Kohärenz. *Linguistische Berichte* 125, p. 3-23, 1990.

VAN DIJK, T. A. *La ciencia del texto*. Barcelona: Pados, 1983.

_____. *Models in memory*. 1989. [Manuscrito.]

_____. *Cognitive context models and discourse*. 1994. [Manuscrito.]

_____. (Org.). *El discurso como estructura y proceso*. Estudios del discurso: introducción multidisciplinaria. 2 vols. Barcelona: Gedisa, 2000.

_____; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

VIGNAUX, G. *Les sciences cognitives: une introduction*. Paris: LA Découvert, 1991.

VIGNER, G. Un type de texte: le dire de faire. *Pratiques*, Metz, n. 66, 1990.

VOGT, C. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.

WEINRICH, H. *Tempus: besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart: Kohlhammer, 1964.

_____. *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim: Dudenverlag, 1993.

WERLICH, E. *Typologie der Texte. Entwurf eines textlinguistischen Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik*. 2. ed. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1979.

WROBEL, A. *Schreiben als Handlung. Überlegungen und Untersuchungen zur Theorie der Textproduktion*. Tübingen: Niemeyer, 1995.

ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos da língua falada*. *Revista Organon* 14, n° 28/29, Porto Alegre, Instituto de Letras da UFRGS, 2000.

ABSTRACT: The present article gives an overview of the situation of text linguistics in Brazil, in comparison with that in Europe, more specifically in Germany. Four lines of historical evolution are observed within the discipline: from theory to application, from abstract to concrete text, from micro-text to macro-text and from centripetal to centrifugal forces. In Germany, from the sixties to the eighties, major research interest centered on theoretical issues. Since the nineties, the focus has moved to questions of application. More recent research projects deal with the description of text types. The Brazilian production of the eighties concentrated on the subjects of cohesion and coherence as well as on sociocognitive strategies of text processing. More recently, several researchers have engaged in studies of spoken text, in applications of text linguistics in the teaching of Portuguese as a native and/or foreign language, as well as in projects on the language of media and new communication technologies.

Keywords: text linguistics, text grammar, text semantics, text pragmatics, text types, text typology, written text, spoken text, research groups.